

ARTIGO

*Da Filologia à
Literaturwissenschaft*
A TRANSIÇÃO DISCIPLINAR DA
GERMANÍSTICA NA OBRA DE
FRIEDRICH GUNDOLF

WALKIRIA OLIVEIRA SILVA
Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia | Minas Gerais | Brasil
walkiria.oliveiras@gmail.com
orcid.org/0000-0001-9530-8881

Analisar a obra de Friedrich Gundolf, *Shakespeare und der deutsche Geist*, publicada em 1911, vinculando-a ao desenvolvimento epistemológico e disciplinar da Germanística e, especialmente, da História da Literatura, é o principal objetivo do artigo que aqui se apresenta. Neste sentido, enfatiza-se a o conceito de vivência, advindo da filosofia de Wilhelm Dilthey, importante influência para os germanistas nas primeiras décadas do século XX. Este artigo se divide em três partes inter-relacionadas. A primeira apresenta o desenvolvimento disciplinar da Germanística, ressaltando o lugar da História da Literatura nesse processo. A segunda compreende as transformações epistemológicas e disciplinares da História da Literatura, ocorridas no final do século XIX, e a importância do conceito de vivência, a partir da primeira década do século XX. Por fim, a última parte, analisa o *Shakespeare* de Gundolf, relacionando-o às partes anteriores e salientando o uso do conceito de vivência pelo autor e sua conexão com a função social do conhecimento científico.

*Germanística – História Intelectual –
História da Literatura – Vivência*

ARTICLE

*From Philology to
Literaturwissenschaft*
The Disciplinary Transition of
the German Studies in the Work
of Friedrich Gundolf

WALKIRIA OLIVEIRA SILVA
Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia | Minas Gerais | Brasil
walkiria.oliveiras@gmail.com
orcid.org/0000-0001-9530-8881

This paper proposes to analyze *Shakespeare und der deutsche Geist*, published by Friedrich Gundolf, in 1911, relating it to the epistemological and disciplinary development of the German Studies, emphasizing the History of Literature. In this sense, the influence of the concept of experience [*Erlebnis*], important reference to the Germanists of the first decade of the 20th century, was underlined. This article is divided in three interconnected parts. The first presents the disciplinary development of the German Studies, highlighting the place of the History of Literature in this process. The second comprehends the epistemological and disciplinary changes undergone by the History of Literature, including the significance of the concept of experience, from the first decade of the 20th century. The last part analyzes the work of Gundolf, connected it with the previous two parts and pointing out the use of the concept of experience and its connection with the social function of the scientific knowledge.

*Experience – German Studies –
History of Literature – Intellectual History*

A partir do final do século XIX, parte dos intelectuais que se dedicavam aos estudos da literatura e língua germânicas mostrou interesse pelas discussões acerca da História da Literatura e procurou definir suas características disciplinares, bem como seu papel nos âmbitos político e social. Foi inserida nesses debates que a filosofia de Wilhelm Dilthey, sobretudo seu conceito de vivência, ganhou uma importância progressiva para a História da Literatura, promovendo uma união entre os campos epistemológico e social da *Literaturgeschichte*. Acompanhar o desenvolvimento disciplinar da *Literaturwissenschaft* constitui um caminho mediante o qual é possível observar as transformações epistemológicas da Germanística, desde o século XIX até as primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, observar as formas assumidas pela *Literaturgeschichte* e seus vínculos com a *Literaturwissenschaft* nos permite compreender as relações dialógicas entre o seu desenvolvimento disciplinar e epistemológico e a função social do conhecimento científico por ela produzido.

A publicação *Shakespeare und der deutsche Geist*, por Friedrich Gundolf, deixou evidente os novos caminhos trilhados pela História da Literatura nas primeiras décadas do século XX. O construto teórico de Gundolf enfatizou a importância do conceito de vivência de Dilthey, tanto como recurso metódico, quanto um elemento fundamental para a transformação social. De forma pulverizada, Gundolf inseriu no seu livro importantes apontamentos sobre as modificações epistemológicas e disciplinares pelas quais passava a Germanística e, especialmente, a História da Literatura.

Este artigo está dividido em três partes interconectadas: a primeira apresenta o desenvolvimento disciplinar da Germanística no século XIX, enfatizando o lugar ocupado pela História da Literatura. A segunda se ocupa das transformações epistemológicas e disciplinares ocorridas na História da Literatura no final do século XIX. A última parte analisa a obra de Gundolf, considerando-se as duas partes anteriores, sublinhando o uso do conceito de vivência de Dilthey.¹

A DISCIPLINARIZAÇÃO DA GERMANÍSTICA NO SÉCULO XIX E O LUGAR DA *LITERATURGESCHICHTE*

A primeira cátedra dedicada à Germanística, assumida pelo jurista Friedrich von der Hagen (1780-1856), foi criada em 1810, na então recém fundada Universidade de Berlim, e se desenvolveu em duas direções: a primeira derivou da *Altertumswissenschaft* que, de modo geral, correspondia à filologia clássica e foi fundamental para o estabelecimento disciplinar da Filologia Alemã. A segunda dizia respeito às investigações relativas à literatura do século XVI até a contemporaneidade. É notável que, nesse caminho, a história da literatura moderna ocupava posição inferior e mantinha relações disciplinares instáveis,

¹ Agradeço a Estevão Martins e Helmut Galle pela atenciosa leitura e sugestões. Este artigo integra uma pesquisa sobre as obras de Georg Simmel e Friedrich Gundolf acerca de Goethe que desenvolvo no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. Nesse primeiro artigo, busco delinear e analisar o desenvolvimento da História da Literatura desde a Germanística, atentando-me ao uso tanto do conceito moderno de História, como da filosofia de Wilhelm Dilthey. De maneira geral, o campo da ciência histórica trata da História da Literatura mediante o ponto de vista da História Social da Literatura. No caso alemão, observar esse desenrolar a partir da Germanística mostra-se um caminho produtivo para a compreensão de uma nova perspectiva temporal desde o final do século XIX, sobretudo.

bem como confusões conceituais, com a *Literaturwissenschaft*, a *Literaturgeschichte* e a *Literaturgeschichte* (Bontempelli 2004, 12). Vinculada ao projeto burguês de construção de uma identidade nacional, na esteira da derrota prussiana por Napoleão, da imposição de um tratado de paz humilhante e da dissolução do Sacro Império Romano Germânico, a Germanística esteve, desde o início, entrelaçada às mudanças políticas e sociais da Alemanha (Bontempelli 2004, 2). A conversão da língua alemã em objeto de estudo e análise foi acompanhada pelo abandono progressivo, por parte dos professores, do uso do latim em prol do alemão, a partir da segunda metade do século XVIII e ensejada pela reforma de Humboldt, evidencia como esse projeto político identitário promovido pela burguesia foi seguido por uma transformação do uso da linguagem nos âmbitos político e social.

No seu discurso durante a primeira assembleia de germanistas reunida em Frankfurt, em 1846, Jacob Grimm (1785-1863) definiu os germanistas como aqueles que se dedicavam aos estudos da língua, direito e história da antiguidade alemãs.³ Nessa tríade, a poesia e a língua germânicas se sobressaíam ao direito e à história, relegadas, em grande medida, aos estudos auxiliares. A Filologia ocupou posição predominante e procurou mitologizar o passado, tornando-o prático para os projetos vigentes de identidade nacional (Bontempelli 2004, 6). As relações entre a Germanística e a *Literaturgeschichte*, especialmente da literatura moderna, continuaram inconstantes e permeadas pelas questões acerca de suas respectivas funções sociais (Götze 1974, 167-168).

Hegemônica, a Filologia Alemã se firmou nas universidades, a partir de 1840, sob o título de *Altdeutsche Philologie* e reuniu os estudos filológicos acerca do medievo alemão. Entendida a filologia como uma ciência hermenêutica, os filólogos buscavam uma universalidade interpretativa mediante uma série de regras e procedimentos de interpretação textual. Considerado o fundador da Filologia Alemã como disciplina acadêmica, Karl Lachmann (1793-1851) foi responsável por manter na Germanística a herança da *Altertumswissenschaft*, ou seja, o domínio da filologia. Junto com seu discípulo e herdeiro de sua cátedra em Berlim, Moritz Haupt (1808-1874), Lachmann estabeleceu a comunidade disciplinar da Germanística, que se distinguia dos diletantes mediante a organização de um conjunto de princípios teóricos e metodológicos que demarcava sua atividade científica. Com a criação da *Zeitschrift für deutsches Altertum*, em 1841, sob o comando de Lachmann e Haupt, estava firmada, de acordo com Bontempelli (2004, 22), a “escola de Berlim”, que seria uma referência para as funções sociais e institucionais da Germanística. A institucionalização da Filologia se fortaleceu um pouco mais com a criação do primeiro seminário de Filologia Alemã, em 1858, na Universidade de Rostock, sob a responsabilidade de Karl Bartsch (1832-1888).

Rainer Kolk (1994) corrobora a importância fundamental de Lachmann para o processo de institucionalização da Filologia, bem como para a

² *Literaturwissenschaft*, *Literaturgeschichte*, *Literaturgeschichte* correspondem à Ciência da Literatura, História da Literatura, Historiografia da Literatura (ou escrita da História da Literatura). Para evitar confusões utilizarei os termos no original alemão.

³ Foram convidados, dentre outros: os historiadores Ernst M. Arndt, Friedrich C. Dalman, Georg G. Gervinus e Leopold von Ranke. Entre os filólogos, além dos irmãos Grimm, destacam-se Karl Lachmann, Moritz Haupt e Ludwig Uhland. Segundo Bontempelli (2004, 3), historiadores da literatura não foram convidados. Mesmo Gervinus que já havia publicado volumes de sua *Geschichte der poetischen National-Literatur der Deutschen*, fora convidado por outras razões. O autor não aponta quais seriam essas razões. De qualquer forma, a exclusão dos intelectuais ligados à *Literaturgeschichte* mostra que ela estava bastante excluída da Germanística.

constituição da comunidade disciplinar que começava a se organizar em grupos, revistas e seminários, fortalecendo uma rede de comunicação acadêmica. O legado da força de Lachmann se evidenciou no *Niebelungstreit*, ocorrido em 1854, quando a publicação de *Untersuchungen über das Niebelungslied*, de Adolf Holtzmann (1810-1870), inaugurou a querela. Holtzmann desqualificou a crítica textual de Lachmann, bem como o trabalho de outro de seus discípulos, Friedrich Zarncke (1825-1891), professor em Leipzig, que tratou de defender seu antigo mestre. Na verdade, o que estava em questão era a disputa quanto à memória estabelecida sobre os fundadores da disciplina. Holtz dedicou sua obra a Friedrich von der Haagen a quem a memória disciplinar unia uma tradição de popularização do conhecimento e da prática científica. O debate fazia emergir um problema de comunicação que dizia respeito ao próprio *ethos* acadêmico e seu público (Kolk 1994, 84-87). Ou seja, o debate foi enredado pelo questionamento acerca de para quem deveriam dirigir os acadêmicos seus textos, se para um público mais geral, ou se para os seus pares. Essa questão nunca deixou de estar presente – e ainda está – nas mais diferentes áreas do conhecimento e engloba uma importante reflexão sobre a função social e pragmática do conhecimento científico, que viria a ser um ponto chave para se compreender a *Literaturgeschichte* no início do século XX.

O desenvolvimento da *Literaturgeschichte* e sua posição no cânone disciplinar se relaciona com o próprio desenrolar da história alemã e sua procura por uma identidade⁴ nacional. Antes dos arranjos políticos que conduziram à unificação política e territorial da Alemanha, em 1871, sob o comando de Bismarck, a ideia de continuidade – elemento fundante das constituições identitárias – se alicerçava não no aspecto político ou territorial, mas no cultural.⁵ Não havia um povo alemão, mas muitos povos espalhados territorialmente que compartilhavam uma língua semelhante e elementos culturais comuns. A ideia de um povo alemão existia, desde o século XVIII, mediante a transformação da experiência do tempo, como um horizonte de expectativa, algo que viria a tomar forma no futuro (Koselleck 2014, 342).

Aliada a essa esperança, a *Literaturgeschichte* desempenhou um protagonismo nos projetos políticos que rodearam o *Vormärz*.⁶ Nesse caminho, a *Literaturgeschichte* se interligou aos processos de formação e emancipação da burguesia alemã, seus planos para uma constituição liberal e para a unidade nacional, e a uma reação antifeudal em prol da burguesia nascente. Não obstante o reconhecimento de sua função política, a *Literaturgeschichte* gozava de pouquíssimo êxito nas universidades, tanto que August W. Schlegel (1767-1845)

⁴ O termo “identidade” é de uso recente. Foi introduzido no final da década de 1940 na psicologia individual e conseqüentemente absorvida em outras disciplinas. Para Aleida Assman, o termo “identidade” configura uma nova palavra para um velho problema que em épocas anteriores fora designado por conceitos como *Wesen*, *Charakter*, *Bildung* e *Volk* [essência, caráter, formação e povo]. (Assmann 1998, 11-12)

⁵ É o que está em questão quando Goethe, apesar de seu sentimento antifrancês, diz faltar aos alemães uma capital “onde as cabeças mais privilegiadas de um grande país se encontram reunidas em um único lugar e se instruem e enriquecem mutuamente no contato, na luta, na competição de todos os dias” (Eckermann 2016, 594). Poderia ser que a Alemanha naturalmente se unisse por seu sistema de ferrovias, como Goethe disse a Eckermann, “mas pensar que a unidade alemã consiste em que o enorme império possua uma grande única capital, e que essa única grande capital serviria para o bem da grande massa do povo tanto quanto para o bom desenvolvimento de grandes talentos individuais, é um equívoco” (Eckermann 2016, 657).

⁶ O *Vormärz*, pré-março, diz respeito ao período que vai de julho de 1830 (as revoluções na França) até março de 1848.

e Hoffmann von Fallersleben (1798-1874), por exemplo, enfrentaram grandes dificuldades para manter suas *Vorlesungen*. Foi nos salões da burguesia que a *Literaturgeschichte* encontrou seu espaço, o que não causa surpresa, uma vez que estava associada aos objetivos da própria burguesia e, por consequência, partilhava seus espaços de sociabilidade (Götze 1974, 182-183).

Considerada a *Literaturgeschichtsschreibung* uma forma de *Geschichtsschreibung*, seu florescimento esteve diretamente vinculado ao surgimento do conceito moderno de História, conectado à filosofia iluminista e sua ideia de progresso, desde o último terço do século XVIII, e a uma nova temporalidade na qual o passado e os projetos de futuro se interligavam no presente. Neste sentido, como modo de escrita da História, *Geschichte*, a *Literaturgeschichte* se tornou significativa por volta de 1840, no período do *Vormärz*, portanto, e diante do fim do *Kunstperiode*.⁷ Considerado o fundador da *Literaturgeschichtsschreibung*, Georg Gottfried Gervinus (1805-1871) apresenta-se como um exemplo da historiografia liberal durante o *Vormärz*.

Em 1833, Gervinus publicou o artigo *Prinzipien einer deutschen Literaturgeschichtsschreibung*, nos *Jahrbücher der Literatur*. De antemão, o título apresenta a informação de que se tratava de uma *Geschichtsschreibung*, ou seja, comungava do conceito moderno de História e de seu sentido para a totalidade. Diante disso, Gervinus entendeu que uma *Literaturgeschichte* deveria se diferenciar de uma cronologia de autores e obras, pois a História, *Geschichte*, era um processo em que as partes se relacionavam geneticamente ao todo (Götze, 1974, 190). Neste sentido, ainda se haveria muito a fazer para o desempenho de uma *Literaturgeschichte* desde um ponto de vista nacional, atravessada por uma temporalidade linear em que passado, presente e futuro se encontrassem.

A obra monumental de Gervinus, *Geschichte der poetischen National-Literatur der Deutschen*, organizada em cinco volumes, começou a ser publicada em 1835. Escrever a história da literatura alemã equivalia a narrar a vida espiritual do povo alemão, sua identidade. Para Bontempelli (2004, 38), o desempenho político da historiografia de Gervinus se assentava em um olhar antinapoleônico que apresentava o desenvolvimento histórico da burguesia e sua relevância para o presente mediante uma análise histórica.

Após a *Märzrevolution* de 1848, a *Literaturgeschichte* foi reconfigurada. Com a derrota do projeto da burguesia alemã, a função política da *Literaturgeschichte* se enfraqueceu. Esse esgotamento do seu papel pragmático foi acompanhado pelo recrudescimento da especialização, como acontecera também com a ciência histórica. Assim, como bem observou Götze (1974, 187), o aumento dos trabalhos monográficos não ocorrera devido a um excesso de pesquisas sobre a literatura alemã, mas porque uma nova ideia de História, contrária ao ideal de progresso hegeliano, se tornou dominante. O sentido para a totalidade, típico da filosofia do progresso - tão cara à burguesia culta - se enfraqueceu e, com ele, o papel pragmático da *Literaturgeschichte*. Foi com essa roupagem que a *Literaturgeschichte*, via *Literaturwissenschaft*, se inseriu no mundo das disciplinas acadêmicas. O esvaecer do encargo pragmático da *Literaturwissenschaft* significou o rompimento do elo temporal que caracteriza a tarefa pragmática da

⁷ Denominação dada por Heinrich Heine (1797-1856) que abrange o período da vida de Goethe e foi considerado como o momento de esplendor da literatura alemã. Após a morte de Goethe e de Hegel, em 1832 e 1833, respectivamente, a ideia de um período glorioso da arte, da literatura e da filosofia começou a ser veiculado. Para Bontempelli (2004, 39) essa ideia foi reforçada por Gervinus que consolidou a categoria, com ares míticos, do classicismo alemão (*deutscher Klassik*).

fundamentação identitária, ou seja, a ligação entre o passado, o presente e os planos de futuro. Esse ponto será imprescindível para as discussões sobre a *Literaturgeschichte* entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, incluindo a obra de Friedrich Gundolf.

Theodor Wilhelm Danzel (1815-1850) iniciou um período de transição entre o fim da historiografia liberal no estilo de Gervinus, e o positivismo de Wilhelm Scherer. Danzel escreveu importantes estudos sobre Goethe e Lessing e iniciou dois movimentos: por um lado, se opôs à historiografia de Gervinus cuja obra considerava subjetivista e desatrelada de qualquer função política. Por outro lado, foi representante de uma visão de literatura da alta burguesia, muito marcada por uma perspectiva estética e filosófica. Esse ponto é substancial, pois ele encontrará continuidade em Dilthey e nos germanistas da virada do século. Para Danzel, como para Gundolf anos mais tarde, o objetivo do intelectual era encontrar um vínculo entre o individual, o gênio, e o mundo mediante uma visão absoluta. Bontempelli (2004, 47) compreende que essa concepção intelectual corresponde ao *cognitio reflexiva* de Spinoza, ou seja, a ideia de uma ideia, o entendimento de que a natureza e o espírito se achavam unidos na totalidade reflexiva.⁸

Foi por volta de 1870, junto com a fundação do II Reich, que tanto a literatura como a filologia moderna foram mais integradas ao corpo disciplinar das universidades. A revista *Das Jahrbuch für Literaturgeschichte*, fundada em 1865, em Jena, evidenciava a exigência pelo reconhecimento da autonomia da *Literaturgeschichte* como disciplina acadêmica. O primeiro intelectual a ocupar um cargo de historiador da literatura foi Michael Bernay (1834-1897) na Universidade de Munique. Bernay tinha obtido seu doutorado na Universidade de Heidelberg, sob a supervisão de Gervinus.

A *Literaturwissenschaft*⁹ foi instituída como disciplina no seio de Germanística após a reestruturação política de 1848. Essa reestruturação conduziu às transformações epistemológicas na *Literaturgeschichte*, que não mais poderia ter seu modelo no projeto liberal de Gervinus. Após 1848, teve início um processo de industrialização que deu à burguesia capitalista a sensação de um inexorável sucesso econômico. O desenrolar das décadas de 1860 e 1870 trouxeram significativas transformações. A vitória da Prússia na Guerra Austro-Prussiana, a dissolução do *Deutscher Bund*, a retirada da Áustria da nação alemã recém unificada, a resolução da *Verfassungskonflikt*, e a instabilidade do campo liberal levaram à formação de um conjunto de referências culturais, inserido o literário, que deveria ir ao encontro da manutenção do *status quo* e da supremacia prussiana (Bontempelli 2004, 47). As reformulações epistemológicas da *Literaturwissenschaft* e da *Literaturgeschichte*, diante das transformações sociais e

⁸ No entanto, o autor não faz a distinção de Spinoza entre o conhecimento intelectual e o conhecimento intuitivo. Não deixa de ser interessante refletir acerca do conhecimento intuitivo, pois neste aquele que sabe sobre algo e este algo se encontram unidos e formam uma unidade. Aquele que pensa o todo deve sentir-se como parte dele numa relação de identificação. É profícua a menção a Spinoza, sobretudo se nos atentarmos aos estudos da história da literatura a partir do final do século XIX e sua relação com a visão de mundo da burguesia culta alemã e sua conexão com a filosofia da vida. A ideia de um cosmos no qual o indivíduo se encontrava inserido no todo foi um elemento fundamental. Cf.: (Röd 2008, 78-79).

⁹ Para Götze (1974, 169), o termo *Literaturwissenschaft* aparece primeiro com a publicação de *Die deutsche Literaturwissenschaft von 1836 bis 1842*, de Karl Rosenkranz (1805-1879). Como Hoffmann von Fallersleben em seu *Grundriß zur deutschen Philologie*, de 1836, Rosenkranz considerava tanto a literatura antiga como a moderna.

políticas seguiram dois caminhos subsequentes: primeiro com Wilhelm Scherer e depois com Dilthey e sua filosofia.

Wilhelm Scherer (1841-1886) foi nomeado professor de Literatura Alemã Moderna na Universidade de Berlim em 1872, depois de passar por Viena e Estrasburgo. Foi o primeiro docente dedicado à história da literatura moderna a integrar a prestigiosa Imperial Academia Prussiana de Ciências, em 1884. De origem austríaca, Scherer cresceu em meio às disputas entre a Áustria e a Prússia em torno dos movimentos nacionais. Acreditava que apenas a Prússia e o protestantismo eram capazes de unificar a Alemanha. É muito provável que sua posição em Berlim tenha sido obtida também em razão de suas opções políticas.

Não diferente de outras áreas das humanidades, a Germanística sofreu a influência dos modelos epistemológicos das ciências da natureza. Foi nesse cenário que Scherer procurou fazer da Filologia uma disciplina comprometida não somente com a *Literaturwissenschaft*, incluída a *Literaturgeschichte*, mas com uma análise integrada da cultura e da sociedade. Influenciado pelo positivismo, incentivou a pesquisa e a análise aprofundada de fontes e a realização de edições críticas e pormenorizadas. O positivismo de Scherer não tratou de produzir desde uma perspectiva teleológica homogeneizadora que excluía as peculiaridades culturais. Nesse momento já circulavam os debates sobre as diferenças metódicas e epistemológicas entre as ciências naturais, nomotéticas, e as ciências do espírito, idiográficas, como propôs, anos mais tarde, outro contemporâneo de Scherer, o neokantiano Wilhelm Windelband (1848-1915).

A obra elementar de Scherer, *Zur Geschichte der deutschen Sprache*, foi publicada em 1868, e apresentou elementos importantes para os debates que seriam adensados do final do século XIX. A função da Filologia – lembrando sua perspectiva de conhecimento integrado – era fundamentar um *ethos* nacional, definir quem eram os alemães e seu significado histórico (Bontempelli 2004, 58). Esse esforço de Scherer não estava distante dos debates da *Nibelungenstreit* acerca da função social do conhecimento científico. Ao questionar o método filológico de Lachmann e Haupt, Scherer insistiu que a união entre a prática científica e sua função social não eram polos separados (Kolk 1994, 97). Scherer foi, portanto, um intelectual de transição que procurou conciliar o rigor científico da escola de Berlim às exigências pelo papel social da Germanística.

Nesse projeto identitário permeado pelo estudo da língua e da literatura germânicas, o romantismo era definido como o eixo central do desenvolvimento nacional, dando continuidade à ideia da *Deutsche Klassik*, ou da *Kunstperiode*. Entretanto, essa construção identitária guardava uma relação antitética, pois oposta, e assimétrica, pois inferiorizava o outro, com a ideia de iluminismo e civilização franceses.¹⁰ Essa relação tomou forma pelo par conceitual *Kultur* e civilização. De um lado estava a identidade alemã, associada a uma vida orgânica em oposição à mecanização da vida e do espírito e atrelada aos bens culturais, do espírito e da realidade sensível. Do outro lado se encontravam os franceses, civilizados, superficiais, sem laços de comunidade orgânica, frios e racionais. Esse discurso e essa postura ganharam força nas décadas seguintes, não somente no meio acadêmico, e reforçaram uma postura antimoderna que adentrou o século XX.

¹⁰ Uso aqui a o construto conceitual de Koselleck (2006) com relação aos pares de conceitos antitéticos e assimétricos

Para Scherer, portanto, não parecia haver contradições entre sua percepção da identidade alemã mediante a exaltação do romantismo e a rigidez do positivismo como opção metódica. A influência do positivismo das ciências naturais auxiliou Scherer a pensar em uma estrutura filológica que deveria garantir uma menor possibilidade de erros e maior acuidade analítica. Essa sustentação epistemológica promoveu uma reorganização disciplinar na Germanística.

O positivismo metodológico de Scherer começou a perder fôlego na década de 1890, mas não a função política de fundamentação identitária da Germanística. É então que a filosofia de Dilthey e seu conceito de vivência começaram a ganhar espaço nos estudos sobre a literatura alemã.

A LITERATURGESCHICHTE NO ALVORECER DO SÉCULO XX

O declínio do paradigma metódico de Scherer foi acompanhado pelo fortalecimento de uma nova perspectiva, a *Geistesgeschichte* – História do Espírito. Quando associada à Germanística, a *Geistesgeschichte* contemplou um movimento interpretativo, dominante entre 1910 e 1925. A *Geistesgeschichte* se apresentava como uma superação do positivismo de Scherer e sublinhava a autonomia do espírito, seguida de um ideal científico que procurava pelo âmago, pela essência, seja de um autor, uma obra ou um movimento intelectual, estético ou literário (Bontempelli 2004, 70). Por compartilharem de caminhos epistemológicos e metódicos comuns, a despeito de determinadas particularidades, Wehrli (1993, 25) compreende que não seria exagero denominar essa geração de germanistas de escola, *geisteswissenschaftliche Schule*.

Desde o final do século XIX, parcela dos intelectuais germânicos dedicada às pesquisas sobre a língua e literatura alemãs mostrou significativo interesse pelas discussões acerca das características, dos deveres e das funções da *Literaturgeschichte*. Nesse caminho, como um conceito agregador de posturas epistemológicas e sociais, a *Geistesgeschichte* se conectou ao questionamento sobre a função pragmática da *Literaturgeschichte* para a vida humana cotidiana. Para Dainat (1994), essa diligência foi acompanhada por uma aproximação com a *Kulturgeschichte* que, junto a uma tendência para a psicologização, contribuiu para o desenvolvimento de três segmentos de pesquisa para a *Literaturgeschichte*.

O primeiro deles abrangia as investigações sobre o caráter nacional, *Volkstum*, que, por sua vez, se conectava ao segundo segmento, os estudos sobre o caminho formativo de um indivíduo, *Bildungsgang*, que se confundia com o próprio desenvolvimento nacional. A terceira área da *Literaturgeschichte* reunia as considerações sobre o desenvolvimento dos gêneros literários (Dainat 1994, 493). Aqueles que se dedicavam à *Literaturgeschichte*, os *Literaturwissenschaftler*, entendiam pertencer a um grupo cuja tarefa era produzir um conhecimento cientificamente embasado sobre a Literatura Alemã. Ademais, procuraram se afastar daquilo que consideravam como filologia clássica, ao mesmo tempo que buscaram tecer um novo significado para a própria Filologia, atrelando-a à *Literaturgeschichte*.

O questionamento sobre os princípios epistemológicos da Filologia e do lugar ocupado pela *Literaturwissenschaft* foi acompanhado por uma redefinição da função social do conhecimento, ou seja, tratava-se ainda de uma crise sobre a pragmática do conhecimento científico para a vida humana prática. A Filologia

não mais se limitava a explicar questões estritamente textuais e, entendida como *Kulturwissenschaft*, a Filologia Alemã deveria lidar com o escrutínio do desenvolvimento do espírito nacional desde uma perspectiva histórica que incluía, portanto, a literatura e sua história (Dainat 1994, 502). A investigação da história da literatura alemã coincidia com o próprio desenrolar do espírito nacional, a saber, da identidade alemã. A *Literaturgeschichte* assumia uma substantiva função social, pois escrever a história da literatura correspondia a demarcar não apenas a formação da identidade alemã, como fundamentá-la, garantindo sua continuidade.

Neste caminho, no final do século XIX e no avançar das primeiras décadas do século XX, a *Literaturwissenschaft* se afastou da Filologia, firmando-se como um campo autônomo de conhecimento. Era evidente que se tratava também de uma disputa disciplinar que não conjugava somente posturas epistemológicas, mas a estrutura de poder institucional nas universidades alemãs que abalava a posição dos mandarins, para usar a já clássica expressão de Fritz Ringer. Nesse momento, o fortalecimento da *Literaturgeschichte* era incontornável e, por conseguinte, provocou uma confusão de significados entre a *Literaturwissenschaft* e a *Literaturgeschichte* (Dainat 1994, 502). Assim, a *Literaturgeschichte* subjugou a *Literaturwissenschaft*, fazendo dela sua homônima. Escrever a história da literatura alemã era encargo dos cientistas da literatura que assumiam a tarefa de narrar o desenvolvimento histórico da identidade alemã.

Foi em meio às reflexões sobre a função pragmática da *Literaturgeschichte* e sua compreensão enquanto uma *Geisteswissenschaft*, que o conceito de *Erlebnis* [vivência] de Dilthey se fortaleceu, tornando-se uma referência para os estudos sobre a literatura alemã. O uso do termo *Erlebnis* tornou-se comum a partir do último terço do século XIX. O verbo *erleben* [vivenciar] dizia respeito à imediaticidade da apreensão em oposição àquilo que se imagina conhecer, mas para o qual ainda a vivência não existe. Neste caminho, o vivenciado (*das Erlebte*) engloba aquilo que é vivenciado por nós mesmos (Gadamer 1997, 104-105). A *Erlebnis* se constitui não apenas por aquilo que é vivenciado, mas também pelo que dele permanece.

Associado à crítica ao positivismo das ciências naturais e sua influência nas ciências humanas – o que ia ao encontro dos debates que ocorriam na *Literaturgeschichte* – o conceito de vivência desempenhava uma função epistemológica ao indicar que o passado não era auto evidente, mas precisava ser subjetivamente reatualizado no presente. Dilthey colocou o mundo interior, denominado mundo espiritual, no centro do interesse dos estudos com perspectiva histórica (Scholtz 2013, 134). Alicerçado na experiência histórica, o vivenciável surgia em relação dialógica com o mundo circundante e se configurava como “um mundo espiritual que se movimenta em nós de maneira criadora, responsável e soberana e somente nele, que a vida possui seu valor, seu fim e sua significação” (Dilthey 2010, 23). Os estados humanos, ao ganhar expressão nas manifestações vitais, poderiam ser compreendidos mediante uma vivência intersubjetiva que se realizava nos entrecruzamentos de temporalidades, ligando o passado e a perspectiva de futuro à experiência do tempo presente. Tratava-se, portanto, de “um encontro do eu no tu” (Dilthey 2010, 189).

Se *Der Aufbau der geschichtlichen Welt in den Geisteswissenschaften* (A construção do mundo histórico nas ciências humanas), publicado em 1910, tornou-se uma referência para o conhecimento histórico, a influência de Dilthey na *Literaturgeschichte* começou em 1906, quando veio a lume *Das Erlebnis und die Dichtung* (A vivência e a poesia). Centrado no conceito de vivência, Dilthey

analisou quatro poetas alemães: Lessing, Goethe, Novalis e Hölderlin.¹¹ Já nesse momento, Dilthey afirmou que qualquer criação poética partia da vivência pessoal conectada ao mundo histórico. A poesia se constituía como expressão da vida na dialética entre o mundo interior e exterior. Os poetas eram compreendidos mediante a fusão entre a vivência pessoal, a fantasia e a obra poética (Dilthey 2005, 129). Dilthey sublinhou ainda a relação temporal da *Erlebnis* como princípio metódico da compreensão. Ao repensar o passado, possibilidades de futuro seriam pré-formadas, antecipadas mediante a fantasia. Essa tríade temporal poderia ser considerada uma característica inerente ao humano, pois “toda ação é determinada mediante uma imagem de algo que ainda não existe” (Dilthey 2005, 119).¹² A *Erlebnis* cumpre uma função prática, ligada aos problemas do tempo presente e, assim, produz um conhecimento pragmático. Logo, faz todo sentido que o conceito tenha sido apropriado pela *Literaturgeschichte* enquanto *Geistesgeschichte*, pois tratava-se, sobretudo, de uma reação ao domínio do positivismo e à influência das ciências naturais nas ciências humanas, sem dispensar a importância social do conhecimento científico.

O SHAKESPEARE ALEMÃO O CASO FRIEDRICH GUNDOLF

*Sprache, Sprache. Mit-Stern. Neben-Erde.
Ärmer. Offen. Heimatlich.
Paul Celan*

Shakespeare und der deutsche Geist, fruto da habilitação de Friedrich Gundolf na Universidade de Heidelberg, foi publicado em 1911, e lhe permitiu ocupar o cargo de *Privatdozent* na mesma universidade, onde foi professor até sua prematura morte, em 1931. Depois da publicação de seu *Shakespeare*, Gundolf se firmou como um importante germanista e especialista nos estudos sobre a história da literatura alemã. Gundolf obtivera seu doutorado com o trabalho *Caesar in der deutschen Literatur*, em 1903, na Universidade de Berlim, sob orientação de Erich Schmidt (1853-1913) que havia sido aluno de Wilhelm Scherer. Sua obra monumental, *Goethe*, foi publicada em 1916, e garantiu a Gundolf o cargo de professor extraordinário da cátedra de Literatura Moderna Alemã em Heidelberg.

Elemento incontornável da biografia de Gundolf foi sua participação no círculo de poetas e intelectuais que se reuniam em torno do poeta simbolista Stefan George (1868-1933), com quem Gundolf se encontrou pela primeira vez em abril de 1899. Durante as três décadas seguintes, Gundolf foi o mais importante membro do Círculo de Stefan George, dando-lhe fundamentação

¹¹ O trabalho de Dilthey destacou Novalis e enfatizou a importância de Hölderlin que ficara excluído do cânone do período clássico. Cabe a informação de que o ensaio sobre Goethe foi publicado antes, em 1877, com o título *Goethe und die dichterische Phantasie* (Bontempelli 2004, 72). No Brasil, esse ensaio de Dilthey encontra-se traduzido e publicado pela Edusp em “Filosofia e Educação”, compêndio de textos do filósofo.

¹² Isso é fortalecido pelo conceito de (*Phantasie*) que Dilthey entende como um fenômeno que se configura como um fator de organização do homem consciente e, assim, era parte constitutiva da vivência de todo humano (Dilthey 2005, 116).

teórica mediante a publicação de artigos na revista *Blätter für die Kunst*, vinculada oficialmente ao Círculo. Não constitui objetivo desse texto reconstituir as relações entre a obra de Gundolf, ligada ao universo acadêmico, e o Círculo de George. No entanto, alguns breves apontamentos quanto à composição social do Círculo são relevantes.

Inserido em uma tendência do final do século 19, o Círculo de Stefan George pode ser compreendido como um movimento voltado para a crítica da cultura moderna diante da experiência trágica da modernidade. Os membros do Círculo de George colocavam-se contrários à sociedade de massas, ao processo nefasto e sombrio de industrialização da Alemanha pós-unificada que conduzira a uma mecanização de todos os campos da vida. O mundo representacional compartilhado entre os membros do Círculo de George se assentava em um *ethos* aristocrático que fundamentava sua identidade. Formado pela burguesia culta alemã, a *Bildungsbürgertum*, os georgeanos se entendiam como protetores e portadores de uma *Kultur* germânica que delineava a identidade cultural alemã. Nesta visão de mundo era a formação do espírito individual – e não o sucesso econômico – que constituía a marca distintiva dos espíritos bem-educados.

Neste sentido, são estes indivíduos que compartilham intersubjetivamente desta mesma formação espiritual, ou seja, da absorção de uma *Kultur* específica, que definem os traços identitários do povo alemão. Essa cultura alemã se encontra em uma relação antitética e assimétrica com o conceito de civilização. Neste caso, a *Kultur* é, para parcela significativa dos intelectuais alemães, superior ao conceito de civilização. Esta dicotomia constitui a visão de mundo dos intelectuais ligados ao Círculo de George, integra seu *habitus*, seu mundo axiológico, e permeia suas obras. Esse posicionamento aristocrático, assentado na ideia de uma identidade fundamentada na *Kultur* esteve presente em Gundolf. Isso se deu não somente porque pertencia ao Círculo de George. Esse pensamento era comum aos membros da burguesia culta alemã.

Em seu *Shakespeare*, Gundolf analisou a recepção de Shakespeare na Alemanha, desde a virada do século XVI para o XVII até o romantismo alemão. Divido em três partes interconectadas, o livro apresentou a transformação progressiva da obra de Shakespeare de um simples material teatral para as companhias dos séculos XVI e XVII em um conteúdo formativo do espírito alemão, conforme compreendido pelos românticos. No seu prefácio, Gundolf afirmou que o objetivo da sua pesquisa era “representar [*darstellen*] as forças que condicionaram a introdução e a imagem [*Bild*] de Shakespeare na literatura alemã até o romantismo e as forças que foram despertadas e frutíferas através dessa introdução” (Gundolf 1947, IX).

Na sequência, Gundolf afirmou que a procura, ordenação e análise dos documentos que respaldavam sua pesquisa constituíam um trabalho prévio, e não o objetivo final a ser alcançado. Fica perceptível uma crítica ao positivismo e a uma ideia de Filologia Clássica que a considerava como a atividade de reunir e descrever documentos. Ou seja, deveria existir um critério interpretativo intersubjetivamente construído e compartilhado que ultrapassasse a investigação documental, dando-lhe um sentido culturalmente mediado.

Havia a necessidade de uma significação simbólica totalizante, uma vez que as partes individuais não possuíam sentido em si mesmas (Gundolf 1947, IX). Método não correspondia à coleta documental, nem se tratava de um manual a ser seguido. Método era uma forma de vivência e, por essa razão, não podia ser aprendido, mas somente vivenciado. O apelo de Gundolf para a ideia de vivência, cerne da filosofia de Dilthey, reforçou ainda mais a sua oposição ao

positivismo das ciências naturais e a defesa de que as ciências humanas não poderiam seguir os parâmetros estabelecidos pelas ciências naturais. Ao defender o método como vivência, a orientação pragmática do pensamento de Gundolf envolveu uma relação com a temporalidade que considerava uma conexão entre o passado e o futuro, desde o tempo presente.

Método é uma forma de vivência, e nenhuma História [*Geschichte*] tem valor se não for vivenciável: nesse sentido, meu livro não trata de coisas passadas, mas de coisas presentes: daquelas coisas que ainda dizem respeito diretamente a nossas próprias vidas (Gundolf 1947, X).

A compreensão histórica mediada metodicamente pela vivência – *lebendige Geschichte* – rompia com a periodização cronológica. Na esteira da filosofia de Hume, Gundolf afirmou que o erro elementar do historiador consistia em confundir a sequência temporal com a causal, o “depois disso” com o “por causa disso”.¹³ Uma vez que as camadas e intersecções espirituais não respeitavam a organização cronológica, não podia o tempo ser cortado (Gundolf 1947, 51). Era inerente à *Erlebnis* a crítica ao tempo cronológico e a procura por uma outra relação temporal que redimensionava a experiência subjetiva.

A *Geistesgeschichte* somente se realizava mediante a vivência e, por conseguinte, por uma outra percepção da temporalidade que modificava seus objetivos. A história não tratava do encadeamento de fatos e coisas, “e sim vê o conhecimento do próprio devir e fluir, mas como um fluxo substancial indivisível” (Gundolf 1947, 52). Esse é o primeiro momento no qual Gundolf une a filosofia da vida de Dilthey à de Henri Bergson. Apontar o fluxo indivisível do tempo era, de acordo com Gundolf, a principal contribuição de Bergson para a *Geschichtswissenschaft* (Gundolf 1947, 52).¹⁴ Note-se que Gundolf, ao igualar a *Geistesgeschichte* a *Geschichtswissenschaft* não está se referindo exclusivamente à História da Literatura, mas à história científica e todos os seus campos de pesquisa. A História é sempre *Geistesgeschichte*. Fica evidente, portanto, que Gundolf se associou ao movimento interpretativo da *Geistesgeschichte*, que buscou criticar, conforme antes apontado, o positivismo e a influência das ciências naturais nas ciências do espírito.

Para Gundolf, a crise da *Kultur* se conectava diretamente ao seu próprio tempo. A crise da cultura consistia no estilhaçar dos laços da organicidade social que uniam o indivíduo à totalidade (Gundolf 1947, 53). A solução da crise e a regeneração da cultura dependiam da *Erlebnis* que promoveria o restabelecimento da cultura e do indivíduo com a totalidade. No entanto, essa renovação da cultura via *Erlebnis* não era possível em uma realidade dominada pelo racionalismo e, por isso, poetas e dramaturgos como Opitz, Gottsched e

¹³ Para Hume, as cadeias causais são uma necessidade que não é fundamentada na objetividade, mas nas conexões entre representações. Não haveria, para Hume, cadeias causais que sejam necessárias. O que havia era a combinação que associava os fenômenos, interpretando-os via causalidade. De acordo com Wolfgang Röd, “a interpretação da causalidade de Hume baseia-se na suposição ontológica de que fenômenos aparecem, na verdade, junto com outros (*conjoined*), mas não podem em si ser ligados (*connected*) a ele. Assim, se objetos são experimentados como conectados, a ligação só pode existir no sujeito, ocorrendo por meio de mecanismos psíquicos, como os que são investigados na psicologia associativa”. Cf.: (Röd 2008, 134).

¹⁴ Aqui não será tratada a influência de Bergson em Gundolf, muito importante para entender o seu *Goethe*.

Lessing apenas puderam ordenar o teatro shakespeariano, mas não inseri-lo na cultura, tornando-o parte da vida, da vivência e da totalidade orgânica.

Gundolf entendeu que o sintoma da doença da crise da cultura consistia na emancipação do corpo e do espírito, e essa disjunção provocava a incapacidade do indivíduo para se reconhecer nos produtos culturais que produzia (Gundolf 1947, 53). Esse sintoma se evidenciou na recepção de Shakespeare no século XVII pelas companhias de teatro e na apreensão do poeta inglês por Martin Opitz (1597-1639). No uso de Shakespeare feito pelas companhias teatrais estava ausente o espírito. Shakespeare era apenas um material, as companhias somente um corpo, sem união espiritual. Com Opitz se passava o contrário. Faltava-lhe a conexão com o corpo. Para Gundolf, foi Opitz quem inaugurou o domínio do racionalismo – o afastamento corpo-espírito – na poesia e no teatro alemães até o desenvolvimento do movimento *Sturm und Drang* (Gundolf 1947, 53).

O racionalismo equivalia a uma postura frente ao mundo e ao conhecimento que descartava tudo o que não era vivo. A vida se transformava em um sistema no qual o ser [*Dasein*] se tornava uma função do pensamento. O desdobramento do racionalismo na poesia foi convertê-la em um aprendizado de regras e padrões como um procedimento prévio e incontornável da composição poética. Nesse caso, a poesia não podia ser a expressão da *Erlebnis* do poeta (Gundolf 1947, 54). O racionalismo modificava o sentido dos versos que não mais transmitiam uma atmosfera espiritual, tornando-se somente um procedimento retórico¹⁵ (Gundolf 1947, 56). O próprio conceito de drama de Shakespeare se perdeu no racionalismo, diante da impossibilidade da existência de um ser que não pudesse ser submetido aos cálculos e regras impostos pelo racionalismo. Para Gundolf, o drama shakespeariano compreendia o homem como unidade indivisível de forças vivas cujas influências eram sentidas no embate com o mundo exterior (Gundolf 1947, 60)¹⁶.

Considerado por Gundolf o “gênio do racionalismo”, Johann Cristoph Gottsched (1700-1766) estabeleceu de forma definitiva a ordem e as regras da criação literária em detrimento de todos os elementos irracionais que a compunham (Gundolf 1947, 82). Gottsched foi o responsável por transpor o classicismo francês para a Alemanha. Uma vez que o espírito alemão, no entender de Gundolf, não se adequava ao racionalismo, pois era avesso à lógica e às regras, o racionalismo e, por conseguinte, o classicismo francês, significou para os alemães a separação do corpo e do espírito. Assim, para Gundolf, não havia possibilidade do florescimento da *Erlebnis* na vida literária que não promovia a reunião, via vivência, do corpo e do espírito (Gundolf 1947, 83).

¹⁵ Para Gundolf o racionalismo trouxe o domínio do verso alexandrino na poesia alemã. Tratava-se do policiamento do intelecto e do entendimento, algo que ia de encontro à alma alemã, avessa ao controle lógico. De acordo com Gundolf, o temperamento lógico dos franceses explicava o uso adequado que faziam do verso alexandrino (Gundolf 1947, 56). Está implícito aqui a oposição assimétrica entre a *Kultur* e a civilização francesa. Gundolf, ao criticar a transposição do classicismo francês para a Alemanha, feita por Johann Christoph Gottsched, entende que a própria organização política francesa no absolutismo derivava de sua ânsia por organização. Por isso, Gundolf utiliza o termo *Kultur*, nesse sentido, para os franceses, pois existia uma correspondência entre o espírito e suas produções culturais e políticas, a união do corpo com o espírito (Gundolf 1947, 83).

¹⁶ É importante informar que Gundolf compreendeu a modernidade como alegórica (separação do corpo e do espírito) e o indivíduo significativo que a ela resiste como símbolo (união do corpo e do espírito). Sua teoria acerca da modernidade se assenta nesta dicotomia. É um tema sobre o qual tratarei em outro texto, não aqui.

Gundolf não apontou um motivo específico para o esgotamento do racionalismo na Alemanha a partir do final do século XVII. Sua explicação, curiosamente, parece se assentar na filosofia da história de Hegel. O desenrolar da história universal se apresentava mediante a revelação do conteúdo supratemporal no tempo histórico (Hegel 2008, 18). Apesar do domínio do racionalismo, havia forças da vida [*Lebenskräfte*] que embora adormecidas, nunca deixaram de existir. No pensamento de Gundolf, o enfraquecimento da influência de Gottsched correspondeu à “renovação do espírito alemão, o avanço da vida, há muito esquecida” (Gundolf 1947, 86). A expansão do racionalismo gestara sua própria contradição, gerando o questionamento das regras e o retorno aos elementos irracionais. A história da recepção de Shakespeare acompanhava o desenvolvimento da história para Gundolf: uma dialética entre forças vivas e forças adormecidas que se digladiavam e cada fase correspondia ao esplendor e ao declínio da *Erlebnis*, e, por conseguinte, da *Kultur*. Quanto mais racional era uma sociedade, menos a vivência se apresentava como elemento intersubjetivo de interpretação da realidade. Com o declínio do racionalismo na Alemanha, a obra de Shakespeare progressivamente deixava de ser um material [*Stoff*] para o teatro e começava, num período de transição, a ser forma [*Form*]. A história da recepção de Shakespeare correspondia à história do desenvolvimento da *Erlebnis* e, logo, do desenvolvimento, manutenção, declínio e regeneração da *Kultur* alemã.

No processo de esmorecimento do racionalismo, seu alicerce – a razão – transformara-se paulatinamente em vivência e despertava novos rumos para a recepção e compreensão de Shakespeare na Alemanha. Precedido por Johann Elias Schlegel (1719-1749), foi Lessing (1729-1781) quem pavimentou um caminho para a *Erlebnis*, desde o próprio racionalismo que defendia. Se o racionalismo de Gottsched excluía a vivência, o de Lessing a incluía (Gundolf 1947, 112). Fundador de uma estética histórica, Lessing entendeu o ato de pensar como um processo dialógico com a vida, fazendo dele a própria vivência (Gundolf 1947, 114). A condicionalidade do mundo histórico, descartado pelo racionalismo de Gottsched foi recuperado por Lessing, contribuindo para o declínio do racionalismo francês na Alemanha (Gundolf 1947, 118). O resgate do mundo histórico e sua condicionalidade foi uma importante consequência da *Hamburgische Dramaturgie* e estimulou uma recepção da obra shakespeariana que contemplasse a realidade histórica alemã e contribuísse para o declínio do classicismo francês no teatro alemão (Gundolf 1947, 126).¹⁷

O elogio de Gundolf a Lessing, no entanto, não é completo. Apesar da abertura de Lessing para a vivência e o mundo histórico, sua compreensão de Shakespeare – como dramaturgo e não como poeta – não o tornou conteúdo para o espírito alemão. Tratava-se ainda da relação entre matéria e forma [*Stoff zur Form*] e não entre conteúdo e forma [*Inhalt zur Form*] (Gundolf 1947, 124). Tratava-se ainda de uma apreensão de Shakespeare cuja trajetória se dava de fora para dentro. Estava ausente uma relação intersubjetiva da vivência daquele que desempenha o ato cognitivo da compreensão e aquele que é compreendido. Gundolf afirmou que Lessing reconheceu a vivência como elemento fundamental do entendimento racional, mas não fez dela um componente do

¹⁷ Nesse artigo, não discuto sobre o conceito de gênio proposto por Gundolf para cada período por ele analisado. Cabe mencionar que, no caso de Lessing, o gênio agrega a condicionalidade histórica, distanciando-se do gênio racionalista cujo objetivo era o aprendizado de regras atemporais em sua excelência (Gundolf 1947, 123). Para Gundolf, Lessing inseriu o subjetivismo no conceito de gênio, reconhecendo o mundo histórico.

próprio ser, restringindo-a apenas ao mundo histórico exterior. Por isso, as construções dos personagens de Lessing eram alegóricas, mesmo no caso de uma obra com objetivos moralizantes como *Nathan, der Weise*, de 1783, e não simbólicos, pois ainda faltava a Lessing a conjunção ser-vivência-mundo mediante uma relação dialógica e intersubjetiva.¹⁸ Seria a geração seguinte que transformaria Shakespeare em um conteúdo espiritual da cultura alemã.

Era como poeta, e não como dramaturgo, que Shakespeare se tornava significativo para a cultura alemã. Na Alemanha, o teatro não era criador de conteúdo espiritual e se apresentava como um meio para mero agrado do público, um fenômeno ligado muito mais ao âmbito econômico, um produto da modernidade (Gundolf 1947, 169). Se a conversão de Shakespeare em *Gebalt* do espírito alemão teria seu início com *Ugolino*, de Heinrich von Gerstenberg (1737-1823), seus contornos definitivos seriam alcançados por Herder (1744-1803) e Goethe (1749-1832). Já no seu ensaio sobre Shakespeare, publicado em 1773, Herder congregou duas influências significativas para a formação do seu pensamento. Por um lado, a influência de Lessing e a importância da realidade histórica.¹⁹ Por outro, o vínculo com o pensamento de Johann Georg Hamann (1730-1788) e sua concepção da linguagem não como um meio para o alcance de algo a ela externo, mas como a própria vivência e o próprio sentimento (Gundolf 1947, 178). Gundolf introduz um elemento essencial para sua operacionalização do conceito de *Erlebnis* conectado diretamente à linguagem.

A linguagem não expressava “o vivido [*Erlebtes*] mas é ela mesmo conhecimento, vivência [*Erlebnis*], sentimento. Ela não é um meio para objetivos racionais, mas magia, efeito, consequência, forma da força divina, de modo que as palavras são independentes dos conceitos” (Gundolf 1947, 178). A vivência encerra uma dinâmica temporal na qual a ideia de um conhecimento vivo é dominante, perceptível na distinção entre o vivido [*Erlebtes*] e a vivência [*Erlebnis*] diretamente associada ao conhecimento. Não que a vivência exclua o passado em detrimento do presente. A vivência é a convergência entre as experiências significativas do passado e o tempo presente no qual essa harmonia se realiza. O passado via vivência é, antes de tudo, vivo, encontra seu sentido no tempo presente.

Herder foi o primeiro a sublinhar a importância da individualidade e do desenvolvimento para a compreensão da realidade histórica e como princípio da história universal (Gundolf 1947, 180). É evidente que Gundolf sublinhou essas duas características do pensamento histórico de Herder – hoje já consagradas pela historiografia – para vinculá-las à vivência. O artista seria aquele cuja individualidade estava aliada ao desenvolvimento histórico de um povo. Portanto, e isso importa muito a Gundolf, a vivência individual existe na medida em que se conecta ao desenvolvimento histórico de uma cultura, no caso a

¹⁸ Na composição do verso, Gundolf afirmou que Lessing inseriu o verso branco para o drama. Nesse ponto, Gundolf iguala o verso branco de Lessing ao verso alexandrino (ver nota 12) do racionalismo. Seu verso provinha da lógica e não era a expressão de um estado apaixonado (Gundolf 1947, 124). Ou seja, os versos de Lessing são construídos de fora para dentro, enquanto os de Shakespeare o são de dentro para fora. O verso branco de Shakespeare é simbólico (Gundolf 1947, 139). Assim, Lessing não foi, para Gundolf, um poeta, pois seus versos não eram simbólicos e não partiam do ser para o mundo.

¹⁹ Gundolf reconheceu que Herder desenvolveu a questão da realidade histórica. Gundolf atrelou a ideia de desenvolvimento da filosofia de Herder à impossibilidade da imitação, pois não havia mais regras (Gundolf 1947, 179). Gundolf não tece uma relação direta com o declínio da historiografia tradicional exemplar, ou *magistra vitae*, mas ela pode estar presente como plano de fundo.

alemã. Nisso constituía a totalidade, o cosmos, para Gundolf. Era na e para a cultura alemã que a vivência se realizava. Assim, a vivência do indivíduo está diretamente atrelada a sua realidade histórica e a expressão da vivência do artista engloba também a do povo (Gundolf 1947, 187). A vivência é, para Gundolf, também a possibilidade de transformação da realidade social.

A profícua análise de Gundolf sobre a filosofia e o pensamento histórico de Herder, com ênfase no desenvolvimento, na individualidade e na vivência, desagua na afirmação de que ainda restava a tarefa de transformar o pensamento de Herder em um conhecimento que fosse produtivo. Apesar de seus esforços, Herder não conseguira transformar Shakespeare em um elemento ativo e atual para a vida alemã de seu tempo. Ao realçar a individualidade histórica de Shakespeare, Herder o consagrou em um personagem histórico que, embora importante, não se conectava a atualidade, ao movimento da vida (Gundolf 1947, 191). No entanto, e Gundolf não viu nisso uma contradição, Herder, ao salientar a realidade histórica de Shakespeare, buscou fazê-lo mediante uma visão da totalidade onde o indivíduo se encontrava inserido em uma realidade cósmica (Gundolf 1947, 190). Mas essa realidade cósmica, e a dinâmica temporal que nela se encerra, não estava unido à contemporaneidade de Herder.

A relevância de Herder para a recepção de Shakespeare e sua influência na formação do espírito alemão era inegável e, por isso, a análise de seu pensamento integrava o conhecimento histórico. Goethe, todavia, não podia ser compreendido somente do ponto de vista histórico, pois o poeta alemão – sua vida, sua obra e seu pensamento – estava “conectado diretamente com o nosso cotidiano e constantemente forma nosso ser” (Gundolf 1947, 195).

Dentre todos os autores do classicismo alemão, *deutsche Klassik*, a relação de Goethe com Shakespeare foi distinta devido a sua capacidade para formar [*bilden*] a matéria [*Stoff*] (Gundolf 1947, 200). Gundolf, a partir de Goethe, problematizou o ideal alemão de *Bildung*, mediante um jogo de palavras de difícil tradução. Trata-se da conjunção dos sentidos dos termos *bilden-Bild-gebildet-Bildung* e sua função eminentemente pragmática, que justifica Gundolf ter considerado Goethe como elemento constituinte do cotidiano.

Na visão intuitiva de Gundolf, a natureza poética e criativa de Goethe foi fundamental para a sua compreensão de Shakespeare. Goethe não entendeu Shakespeare como um poeta do passado. Mediante a vivência, Goethe promoveu um diálogo intersubjetivo com a obra de Shakespeare e de sua própria vivência. Nesse sentido, havia uma troca de vivências que produzia um diálogo entre o passado e o presente. Shakespeare torna-se, via Goethe, sempre atual, sempre vivo e não apenas histórico (Gundolf 1947, 205).

Em *Götz von Berlichingen*, Gundolf afirmou que Goethe apreendeu o sentido da história não “como um distante mundo anterior que ele poderia encontrar como um observador externo, mas um elemento da sua própria vida, um presente” (Gundolf 1947, 208). Essa ideia de história de Goethe, presente em seu *Götz*, porta uma característica vital para Gundolf. Ela estava atrelada ao pertencimento cultural alemão. A influência de Shakespeare – que Gundolf não explica detalhadamente - na construção de *Götz* como personagem simbólico da germanicidade passa pela vivência goetheana de um pertencimento cultural que, no caso alemão, engloba a ideia do que se poderia chamar de identidade nacional (Gundolf 1947, 209). Goethe possuía uma *Bildersprache*, ou seja, uma linguagem que formava, que correspondia ao seu próprio pensamento e sua vivência. Sua linguagem não advinha de algo que lhe fosse externo (Gundolf 1947, 213). A *Bildersprache* de Goethe era, portanto, simbólica, ou seja, expressão da união do

indivíduo com o cosmos, ou seja, a *Kultur* alemã. Foi assim que Goethe compreendeu Shakespeare, tornando-o conteúdo da *Bildung* alemã.

Considerado uma vértebra do espírito alemão, o *Sturm und Drang* se conectou a uma crítica da burguesia e da cultura diretamente associada à relação com a temporalidade. Gundolf dividiu o período em dois momentos, a fim de salvaguardar a figura fundamental de Schiller a quem dedicou um capítulo subsequente. A principal característica do *Sturm und Drang* era sua ligação exclusiva com o contemporâneo, com as questões circundantes do seu próprio tempo, e uma visão deficiente do todo que compactuasse com a ideia de Gundolf da valorização do elemento a-histórico. De acordo com Gundolf, essa atitude era típica dos literatos e não dos poetas, e constituía o *ethos* da burguesia econômica. Esse era o caso de dramaturgos como Johann Anton Leisewitz (1752-1806) e Heinrich Leopold Wagner (1747-1779).

O construto de Gundolf entre literatura e poesia é basilar para sua visão de tempo relacionada à vivência. Literatura e poesia constituem uma postura frente ao mundo e às suas manifestações culturais e não diz respeito a uma forma narrativa específica. Não foi por acaso que Gundolf afirmou que Goethe apreendeu Shakespeare como poeta e não como dramaturgo. A visão de um poeta para outro. A perspectiva literária assumia uma responsabilidade frente ao mundo circundante e aos seus problemas, era atual. Faltava, contudo, o eterno, o a-histórico, aquilo que cabia aos poetas desempenhar. Quanto mais a perspectiva literária ocupasse um lugar dominante, menos capacidade teria para transformar os produtos culturais em conteúdo [*Gehalt*] do espírito alemão (Gundolf 1947, 209). Na sua crítica da cultura, Gundolf entrelaçou a valorização do eterno à ideia de povo. Ao criticar a popularidade de *Lenore*, de Gottfried August Bürger (1747-1794), Gundolf acusou o poeta de confundir o sentido de povo, dando-lhe um contorno simplista e popular que explicaria o sucesso da obra (Gundolf 1947, 245). O povo se constituía e sobrevivia como um enfrentamento da civilização e se fundamentava por uma força elementar primeira [*Urkraft*] que se revelava nos produtos culturais (Gundolf 1947, 245).

O inegável tom aristocrático de Gundolf manifestava a sua própria posição frente ao questionamento sobre quem deveria desempenhar a fausta incumbência de definir o significado da cultura alemã, ou seja, da própria identidade dos alemães. Gundolf viveu em um mundo no qual o seu grupo social – a burguesia culta alemã – perdera sua função social de fundamentar a cultura alemã. Diante da experiência das mudanças políticas e sociais que abalavam seu mundo, Gundolf entendeu a definição de povo como uma força primeira que existia na eternidade e se manifestava em produtos culturais que, germanizados, tornavam-se conteúdo do espírito alemão. Esse ciclo dependia da vivência e do diálogo intersubjetivo e temporalmente articulado. Novamente: a vivência é uma força de transformação social que articula desde o presente, o passado e o futuro e promove a dialética entre o temporal e o atemporal.

Gundolf retornou a Goethe no seu derradeiro capítulo sobre o romantismo e o classicismo alemães. No meu entendimento, o retorno a Goethe ultrapassa a análise da influência de Shakespeare, e cumpre a função de apresentar um paradigma para a História da Literatura que contempla a observação de toda experiência histórica significativa. Para Gundolf, era necessário voltar a Goethe e ao romantismo alemão. Tratava-se de uma genealogia na qual o próprio Gundolf desejava se inserir a fim de remediar a *Kultur* alemã e definir seus caminhos. Reunificar o indivíduo com a totalidade era

a missão de poetas como Stefan George – e, por conseguinte, de seu círculo ao qual Gundolf pertencia.

Antes de Goethe, Friedrich Schiller (1759-1805), mediante seu teatro moralizante, inseriu Shakespeare na *Bildung* alemã. Todavia a obra de Schiller ainda respondia a um anseio externo ao próprio ser, a saber, a exigência moral. Por essa razão, Schiller manteve com o mundo uma relação ainda alegórica (Gundolf 1947, 260). O problema para Gundolf era que a *Bildung* com a qual Schiller se comprometera era uma *Bildung* do povo [*Pöbel*], popular, porém não aquela da *Kultur* alemã, promovida pela burguesia culta. Gundolf reforçou a faceta aristocrática de seu pensamento, pois a *Bildung* de Schiller não correspondia ao ideal de uma formação do espírito desde uma perspectiva bastante restrita. Poucos poderiam ter acesso à *Bildung* de contornos aristocráticos, como a de Goethe, mas eram esses poucos que deveriam formatar, fundamentar e manter a cultura alemã.

Na perspectiva de Gundolf, desde *Iphigenie auf Tauris*, Goethe compreendeu o papel do indivíduo e sua relação com o mundo de maneira distinta de Shakespeare. Era como expoente da massa, do povo [*Pöbel*], que o indivíduo se apresentava nas obras de Shakespeare. Goethe trilhou o caminho oposto ao conceber o indivíduo como representante de um tipo burguês, mas muito diferente da massa (Gundolf 1947, 279-280). Em *Iphigenie* e *Egmont*, a correlação com o mundo histórico era também divergente. Se para Shakespeare, o mundo histórico era fundamental e seus personagens o encarnavam, para Goethe a condicionalidade histórica era ainda uma coincidência. Assim, Gundolf denominou *Egmont* como um “*Geschichtsdrama ohne Geschichtsluft*”, um drama histórico sem o ar da história (Gundolf 1947, 280). A construção de uma relação simbólica com o mundo se realizaria em *Wilhelm Meister*, seu *Bildungsroman*. *Fausto* construiria a ponte entre as duas tendências, o mundo simbólico construído no e pelo indivíduo e o mundo histórico (Gundolf 1947, 281).

Bildungsroman, para Gundolf, dizia respeito a uma tendência da direção que seria seguida por Goethe, e não cabia uma discussão sobre o gênero literário do romance de formação. O *Bildungsroman* de Goethe, mediante sua *Bildersprache*, correspondia a expressão da própria vivência de Goethe, o rebentar de sua *Bildung* no mundo, dando a sua obra um valor simbólico (Gundolf 1947, 280). Neste sentido, a presença significativa de Shakespeare em *Wilhelm Meister* – cabe lembrar que no livro a companhia teatral de Wilhelm Meister se dedica a uma encenação de Hamlet - não constituía para Goethe apenas um objeto. Era parte de sua própria vida e vivência e, por essa razão, era na obra uma imagem [*Bild*] que, nesse caso, diz respeito a um conteúdo do espírito. Sutilmente, Gundolf inseriu a transformação de Shakespeare em conteúdo espiritual dos alemães que se realiza mediante vivência, insere-se na *Bildung* e alcança a realidade histórica. A imagem [*Bild*] que Gundolf, nesse caso acertadamente, observou em Goethe era expressão da *Bildung* e, logo, do espírito alemão e de sua fundamentação identitária.

Foi via Goethe, portanto, que ocorreu “a entrada definitiva” de Shakespeare “na *Bildung* alemã como conteúdo” [*Gehalt*] (Gundolf 1947, 285). O Shakespeare alemão se realizava mediante a vivência de Goethe e se conformava como elemento imprescindível da *Bildung*. A correlação temporal reaparece, pois Shakespeare, ao ser conteúdo da *Bildung*, torna-se realidade [*Wirklichkeit*] e não algo do passado, apartado do presente. Shakespeare se apresentava agora como uma imagem primeva [*Urbild*] dos acontecimentos contemporâneos (Gundolf 1947, 284-285).

Gundolf voltou a atrelar sua discussão epistemológica à realidade histórica do seu próprio mundo, sugerindo, sem dúvida, uma possível solução para a crise da cultura e, por extensão, do conhecimento científico. O romantismo e o classicismo compartilhavam a oposição ao racionalismo e “todas as desavenças que haviam surgido dos propósitos racionalistas estavam resolvidas, e apenas em um tempo de barbarismo artístico e enfraquecimento espiritual, como a segunda metade do século XIX, poderiam se alastrar novamente” (Gundolf 1947, 286). “Sentimento do mundo”, o romantismo se apresentava como uma tendência que se fazia ainda presente em seus propósitos. Junto ao classicismo, foi responsável por construir o espírito alemão (Gundolf 1947, 290). Não por acaso, no decorrer de todo o seu livro, Gundolf sustentou que o racionalismo era antagônico à natureza alemã.

A linguagem encerra o movimento que parte do presente numa dupla via para o passado e para o futuro. Para Gundolf, “a linguagem de cada povo contém passado e inclui seu futuro” (Gundolf 1947, 313). O espírito alemão se mantém e se renova mediante a vivência dos indivíduos significativos – intelectuais, poetas e artistas – que se manifesta na linguagem. A linguagem guardava um tipo de latência das experiências do futuro.

A linguagem é, simultaneamente, passado e futuro. Ela é a primeira a portar o passado espiritual vivido de um povo, e quem vivencia esta linguagem como tal, como movimento vivo, quem tem a vivência da linguagem [*Spracherlebnis*], experimenta por meio dela uma gama de destinos que podem ser nela expressos, sem ter que aceitá-los primariamente. A linguagem é futura, ou seja, os germes de todas as coisas que ainda não foram vivenciadas por um espírito do povo mas que estão nela e ainda podem ser vivenciadas (Gundolf 1947, 314).

Gundolf encerra sua obra sem tecer uma conclusão, mas clamou por uma transformação do conhecimento científico. “O que a ciência e filosofia alemãs no século XIX consideraram sobre Shakespeare”, observou Gundolf, “foi novo material [*Stoff*], mas nenhum novo espírito” (Gundolf 1947, 317). Ao retomar a dicotomia entre literatura e poesia, Gundolf assertivamente expressou que o século XIX dera vazão à “simples literatura”, mas não a um “movimento espiritual” que se apresentasse poeticamente (Gundolf 1947, 318). Para Gundolf, a transformação de Shakespeare em conteúdo do espírito alemão – da *Bildung* – e, por consequência, da identidade alemã fora um processo iniciado com Lessing, no século XVII, ao pavimentar o caminho para que a vivência paulatinamente se tornasse metodicamente dominante. Esse Shakespeare germanizado alcançou seu esplendor no romantismo e terminara no decorrer do século XIX, diante do crescimento do racionalismo e da influência das ciências naturais nas ciências do espírito. Reestabelecer a cultura passava pela vivência, como princípio metódico e como princípio de transformação social, num elo entre vivência, formação e cultura.

PERSPECTIVAS FINAIS
A CRISE DA *KULTUR* COMO HORIZONTE INTERPRETATIVO
DISCIPLINAR-EPISTEMOLÓGICO

O processo de germanização de Shakespeare de material a conteúdo do espírito alemão possui como pressuposto a ideia de *Geist* e um diagnóstico de uma crise da *Kultur*. Desde o final do século XIX, seu mundo estava enfermo. E essa doença da cultura do seu tempo, como aquela do século XVII, tinha uma razão: o fortalecimento do racionalismo e o enfraquecimento da *Erlebnis*. Pulverizados ao longo da narrativa de Gundolf, os paralelos entre a crise da cultura do passado e a do seu tempo reforçam a função pragmática da obra e sua interlocução com o passado e as possibilidades de futuro desde o presente.

Evidente que se poderia questionar o próprio estatuto do conceito moderno de História na obra de Gundolf. A meu ver, o conceito moderno de História se apresenta em Gundolf pela consciência de que a História se desenrola processualmente e mantém com o passado uma relação genética. Todavia, seria precipitado afirmar que Gundolf não manteve um resquício da historiografia tradicional exemplar, *magistra vitae*, e sua premissa básica de que seria possível tecer exemplos para a ação dos homens no tempo presente. Gundolf não afirmou que a tarefa da historiografia – seja ela da literatura ou não – consistia em dar aos homens exemplos válidos independentes das conjunturas históricas. Também não compartilhou do princípio básico da historiografia exemplar, a saber, a necessidade de que a natureza humana fosse imutável. No entanto, Gundolf não deixou de cultivar – ideia tão cara ao próprio conceito de *Bildung* – a esperança de que se poderia aprender algo com os homens do passado que nos auxiliasse a entender o presente e a melhorar, desde a sua perspectiva, o futuro. Concordo com Koselleck (2006a), ao afirmar que na transição da historiografia exemplar para o conceito moderno de História não ocorreu uma dissolução completa do *topos*. A História não mais tecia exemplos atemporalmente válidos, mas continuava a ser instrutiva.

Ao mobilizar o verbo *bilden* para se referir ao fazer historiográfico, Gundolf propôs uma relação com a temporalidade na qual a valorização do a-histórico se manifestou. Gundolf não excluiu o passado histórico, mas enfatizou que sua importância se dava na medida em que se tornava realidade para o tempo presente. Ela poderia instruir os homens no tempo presente diante de suas possibilidades de ação no mundo histórico. Se a função da História e, no caso de Gundolf da História da Literatura, era formar [*bilden*], então ela se entrelaçava à *Bildung*. Retomo o jogo de palavras *bilden-Bild-gebildet-Bildung*.

A função do conhecimento era formar [*bilden*] uma imagem [*Bild*] ligada a uma totalidade – no caso de Gundolf a *Kultur* alemã. Ao se formar, os indivíduos absorviam esta imagem – atrelando-a ao seu mundo histórico – e se tornavam formados [*gebildet sein*]. Uma vez formados nesse cosmos da cultura alemã, os indivíduos promoviam a *Bildung* e absorviam esse tipo de memória nacional que fundamentava a identidade cultural dos alemães. Essa formação do espírito dependia, para Gundolf, da vivência, de um diálogo intersubjetivo entre os homens do passado cujas vivências se manifestavam em suas obras, e os homens do presente. A solução da crise da cultura, para Gundolf, se encontrava nesse ciclo. Ao formar o espírito, mediante vivência, esse conhecimento se voltava ao mundo externo, modificando-o. Assim, a *Bildung* se realiza como uma dialética entre passado, presente e futuro.

Isso valia igualmente para o conhecimento científico que deveria auxiliar a realização ciclo formativo. Era mesmo a sua função pragmática. Gundolf poderia não ter concordado com o positivismo de Scherer, mas o seguiu ao afirmar que a história da literatura deveria se comprometer com o *ethos nacional*. Como Scherer, Gundolf viu no romantismo o momento central do desenvolvimento da cultura alemã. A hipótese de que Gundolf propunha um retorno epistemológico para aos ideais de Goethe não pode ser descartada. Compartilhou com Danzel, apesar de Gundolf afirmar a importância social do conhecimento científico, mesmo que de um ponto de vista aristocrático, a importância da união estética entre o indivíduo e o cosmos.

A História da Literatura de Gundolf, como *Geistesgeschichte*, destacou a literatura moderna, por vezes preterida no desenvolvimento disciplinar da Germanística. Gundolf procurou em seu *Shakespeare* apresentar e analisar o caminho formativo do espírito alemão que se realizava na *Kultur* que se constituía via *Erlebnis*. A cultura alemã constitui para Gundolf um horizonte interpretativo fundamental que justificou suas escolhas epistemológicas e a função social do conhecimento por ele produzido, mesmo que para poucos. Neste sentido, a cultura era basilar para a própria existência disciplinar da História da Literatura. Era na cultura e para a cultura que o conhecimento científico deveria se voltar e, sendo, assim, estava comprometido com a fundamentação da identidade alemã.

Em determinada cena de *Júlio César*, um dos conspiradores, Cassius, questiona Brutus: “pode ver seu rosto?”. Então, Brutus lhe responde: “Não, Cassius; pois os olhos não se veem senão por outras coisas que o reflitam” (Shakespeare 2017, 314). Essa reflexão – só nos vemos mediante aquilo que nos enxerga de volta – serviria totalmente para o Shakespeare de Gundolf. Shakespeare passou a existir, como conteúdo do espírito, e logo, da cultura e da *Bildung*, quando os alemães para ele se voltaram imbuídos do pertencimento ao seu cosmos cultural. Somente nesse momento, o Shakespeare de Gundolf olhou de volta para os alemães, integrando-os, mediante um diálogo intersubjetivo de vivências, entre o passado e o futuro desde cada presente.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida; FRIESE, Heidrun. *Identitäten. Erinnerung, Geschichte, Identität* 3. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998.
- BONTEMPELLI, Pier Carlo. *Knowledge, Power and Discipline. German Studies and National Identity*. London; Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.
- DAINAT, Holger. “Von der neueren deutschen Literaturgeschichte zur Literaturwissenschaft: die Fachentwicklung von 1890 bis 1913/14”. In: FOHRMANN, Jürgen; VOBKAMP (Hg.). *Wissenschaftsgeschichte der Germanistik im 19. Jahrhundert*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1994.
- DILTHEY, Wilhelm. *A Construção do Mundo Histórico nas Ciências Humanas*. Tradução: Marcos Casanova. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- DILTHEY, Wilhelm. Das Erlebnis und die Dichtung. Lessing, Goethe, Novalis, Hölderlin. In: GROETHUYSEN, Bernhard; JOHACH, Helmut (Hg.). *Wilhelm Dilthey Gesammelte Schriften*. Bd. XXVI. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2005.
- ECKERMAN, Johann Peter. *Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida 1823-1832*. Tradução: Mario Luiz Frungillo. São Paulo: Unesp, 2016.
- FORHMANN, Jürgen. *Das Projekt der deutschen Literaturgeschichte. Entstehung und Scheitern einer nationalen Poesiegeschichtsschreibung zwischen Humanismus und Deutschen Kaiserreich*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1989.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I*. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- GÖTZE, Karl Heine. “Die Entstehung der deutschen Literaturwissenschaft als Literaturgeschichte: Vorgeschichte, Ziel, Methode und soziale Funktion der Literaturgeschichtsschreibung im deutschen Vormärz”. In: MÜLLER, Jörg Jochen. *Literaturwissenschaft und Sozialwissenschaften 2. Germanistik und deutsche Nation 1806-1848*. Stuttgart: J. B. Metzler, 1974.
- GUNDOLF, Friedrich. *Shakespeare und der deutsche Geist*. Godesberg: Helmut Küpper, 1947.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Tradução: Maria Rodrigues, Hans Harden. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008
- HERMANN, Jost. *Literaturwissenschaft und Kunstwissenschaft. Methodische Wechselbeziehungen seit 1900*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1971.
- KOLK, Rainer. “Liebhaber, Gelehrte, Experten. Das Sozialsystem der Germanistik bis zum Beginn des 20. Jahrhunderts”. In: FOHRMANN, Jürgen; VOBKAMP, Wilhelm (Hg.). *Wissenschaftsgeschichte der Germanistik im 19. Jahrhundert*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1994.
- KÖNIG, Christoph; LÄMMERT, Eberhard (Hg.). *Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte 1910 bis 1925*. Frankfurt am Main: Fischer, 1993.
- KOSELLECK, Reinhart. “A semântica histórico-política dos conceitos antitéticos e assimétricos”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradutor: Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. “Alemanha, uma nação atrasada?”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do Tempo: estudos sobre História*. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. “Historia Magistra Vitae – Sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradutor: Wilma Patrícia Mass, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

- KOSELLECK, Reinhart. “Três mundos civis? /Três mundos burgueses? Sobre a semântica comparativa da sociedade civil/burguesa na Alemanha, na Inglaterra e na França”. In: KOSELLECK, Reinhart. *História de Conceitos*. Tradução: Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- MÜLLER, Jörg Jochen. *Literaturwissenschaft und Sozialwissenschaften 2. Germanistik und deutsche Nation 1806-1848*. Stuttgart: J. B. Metzler, 1974.
- RÖD, Wolfgang. *O Caminho da Filosofia 2*. Brasília: Tradução: Maurício Mendonça Cardoso; Caio Heleno da Costa Pereira; Roniere Ribeiro do Amaral. Editora Universidade de Brasília, 2008.
- SCHOLTZ, Gunter. “Diltheys Geschichtstheorie”. In: SCHOLTZ, Gunther (Hg.). *Diltheys Werk und die Wissenschaften. Neue Aspekte*. Göttingen: V&R Unipress, 2013.
- SHAKESPEARE, William. Júlio César. In: *Grandes obras de Shakespeare: volume 3: peças históricas, inglesas e romanas*. Tradução: Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- WEHRLI, Max. “Was ist Geistesgeschichte?” In: KÖNIG, Christoph; LÄMMERT, Eberhard (Hg.). *Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte 1910 bis 1925*. Frankfurt am Main: Fischer Verlag.

Da Filologia à Literaturwissenschaft
A TRANSIÇÃO DISCIPLINAR DA GERMANÍSTICA NA OBRA DE
FRIEDRICH GUNDOLF
Artigo recebido em 05/10/2022 • Aceito em 14/06/2023
DOI | doi.org/ 10.5216/rth.v26i1.74116
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado